

EM BUSCA DE NOSSAS FERRAMENTAS: RELATOS DE UMA MULHER E UM HOMEM NEGRO, DISCENTES DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO FAU/UFAL

IN SEARCH OF OUR TOOLS: REPORTS OF A WOMAN AND A BLACK MAN, STUDENTS OF THE FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO FAU/UFAL

MAGALHÃES, AMANDA; MARQUES, LEANDRO.

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre as práticas de pesquisa e formação do pensamento científico do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/Ufal. Entendendo que, se por um lado, os espaços acadêmicos têm um papel fundamental na manutenção ou subversão de desigualdades, por outro, têm um compromisso no combate a opressões e na promoção de um ensino inclusivo. Para tanto, o trabalho dá-se a partir do alinhamento de revisões acerca de epistemicídio, luta antirracista, feminismo negro e temáticas similares junto a metodologia de "escrevivência": o relato de narrativas e memórias advindas do período de graduação, de dois autores - um homem e uma mulher negra, nascidos no estado de Alagoas. Desse modo, verifica-se como as práticas de ensino que partem de uma visão branca, masculina, europeia e/ou norte-americana/estadunidense, colonial, auxilia na produção de desigualdades da cidade ao materializar opressões e hierarquias raciais e sociais. Por outro lado, ressalta-se que a percepção e construção crítica de reconhecer onde se situa o conhecimento reverberado pelo curso de Arquitetura e Urbanismo já é um grande avanço para subverter tais práticas hegemônicas, ao passo em que se faz obrigação social pensar e propor práticas que corroborem para o desmantelamento da dominação hegemônica e branca na academia.

ABSTRACT

This article aims to criticize the research practices and formation of scientific thinking of the Architecture and Urbanism course from Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/Ufal, understanding that, in one sense, academic spaces have a fundamental role in the maintenance of inequalities and white hegemony, and in other sense, it has to be committed to fighting oppression and promoting inclusive education. Therefore, the work is based on the alignment of reviews about epistemicide, anti-racist struggle, black feminism and similar themes together with the methodology of "escrevivência": the report of narratives and memories arising from the graduation period, from us authors, while a black man and woman, born in the state of Alagoas. Throughout the article, it is clear that our Architecture and Urbanism course at FAU/UFAL mostly adopts, as a teaching practice, a white, masculine, European and/or North American/American, colonial vision that encourages in the production of inequalities in the city, materializing oppressions and racial hierarchies. In this way and straightforwardly, it is emphasized that this perception and critical construction of recognizing where the knowledge reverberated by our Architecture and Urbanism course is located is already a great advance to combat and subvert these hegemonic practices, becoming a duty and social obligation to think and propose practices to dismantle white domination in the academy.

Palavras-chave: Ensino de arquitetura e urbanismo, epistemicídio, escrevivência

Key-words: Teaching architecture and urbanism, epistemicide, escrevivência

INTRODUÇÃO

[...] a fim de definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender como pegar nossas diferenças e transformá-las em forças. Pois as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente a ganhar dele em seu jogo, mas elas nunca vão nos possibilitar a causar mudança genuína. [...]. Num mundo de possibilidade para todas nós, nossas visões pessoais ajudam a montar a base para ação política. [...] (Lorde, 1979, S.p).

¹ Audrey Geraldine Lorde, lésbica, negra, feminista, poeta, mãe, norte-americana/estadunidense e de descendência caribenha, foi uma importante escritora feminista e ativista dos direitos civis, do movimento negro e da causa LGBTQ+ durante o século XX.

Em 1979, Audre Lorde¹ já reconhecia a potencialidade de subverter a lógica de enfrentamento às desigualdades como uma fonte crucial de rompimento das estruturas de domínio e opressão na contemporaneidade. “No nosso mundo, dividir e dominar precisam se tornar definir e empoderar.” afirmava Audre (1979, S.p). Assim, partindo do pressuposto que a academia, como um espaço de produção do conhecimento, deve, estruturalmente, se organizar para combater práticas racistas, misóginas e antidemocráticas, bem como ofertar um ensino inclusivo, este artigo objetiva criticar as práticas de pesquisa e formação do pensamento científico construídos nos espaços da universidade, mais especificamente na formação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/Ufal, durante o período de 2016 até 2022, dos autores(as) deste texto.

Para tanto, este trabalho se baseia nas experiências colhidas durante a nossa trajetória acadêmica, a partir dos marcadores sociais que nos cabem: um homem e uma mulher negra no estado de Alagoas. Este artigo, portanto, propõe compromisso político com todos e todas que vieram antes de nós e com todos e todas que ainda virão. A metodologia do trabalho, assim, dá-se a partir do alinhamento de revisões bibliográficas acerca de epistemicídio, luta antirracista, feminismo negro e temáticas similares. Nessa revisão, optamos por produzir um conhecimento situado, no qual descrevemos as autoras e autores utilizados em nota de rodapé como uma forma de destacar seus lugares de fala e não os/as reduzir a nomes. Além disso, a metodologia também dá-se através de relatos das narrativas e memórias advindas do nosso período de graduação. Essas reflexões não se darão de forma temporal/linear, mas por meio de lembranças de nossas vivências que emergiram durante o processo de escrita e pré escrita deste artigo.

Subvertendo a ótica...

Conceição Evaristo² (2020) cunha o termo “escrevivência” para narrar seu método de criação literária que parte de experiências pessoais e

² Conceição Evaristo é uma mineira e uma das principais intelectuais da causa negra no Brasil, por meio da literatura e escrita, na qual demonstra a realidade brasileira das pessoas negras. Com obras bastante conhecidas como os romances “Ponciá Vicênico” (2003) e “Becos da memória” (2006).

³ Para Cida Bento, do Instituto Ibirapitanga, “Tratar de branquitude é focalizar a violência racial incrustada nas instituições [...]” (2020, [S. p.]). O termo, que só faz sentido dentro do prisma antirracista, serve para demarcar a parcela populacional que na história global - e aqui falamos especialmente da história do Brasil, deteve poderes institucionais e sociais, potencializando desigualdades raciais em decorrência de suas políticas excludentes.

⁴ Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica nascida em Lisboa, com raízes em São Tomé e Príncipe e em Angola. Em Portugal estudou psicologia e psicanálise. Doutora em filosofia na Freie Universität, Kilomba ficou bastante conhecida pelo seu trabalho Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano, livro em que conversa sobre os danos psíquicos causados pelo racismo antinegro à mulheres negras.

coletivas, assinalada pela sua existência negra e feminina e, sobretudo, para marcar o enfrentamento às críticas literárias que invalidam esse método de escrita ao passo que legitimam obras que usam como temática culturas africanas ou afro diaspóricas a partir da ótica de autores do alto de suas branquitudes³ - tal qual Jorge Amado, em toda sua literatura ou João Ubaldo Ribeiro em obras como “Viva o povo brasileiro” (1984). “[...] Quando nós mesmos usamos nossas experiências e culturas [...] é uma passagem mais difícil. É contraditório, como se o negro não tivesse o direito de criar as suas próprias histórias. O discurso a partir da “escrevivência” da autora nas suas obras vem, segundo ela, para “[...] preencher o vazio que a História enquanto ciência nos deixa” (Evaristo, 2020, S.p). Assim, o exercício da escrevivência por si só, já se configura enquanto prática revolucionária que nos ajuda a pensar a academia como um organismo vivo, que engloba diversidade e precisa demonstrar isso nas suas práticas. Isto é, deve ser permitido ao sujeito negro o direito de demonstrar suas próprias tecnologias de construção do pensamento, bem como de se pensar a cidade.

Grada Kilomba⁴, no livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2020), narra um pouco sobre as críticas que recebe enquanto mulher negra produtora de conhecimento na academia. Em seu trabalho, a autora discorre sobre episódios de racismo cotidiano por meio de narrativas de diversas pessoas negras. Alegações como “não é muito científico” ou “demasiadamente subjetiva e pessoal” são comuns pairarem sobre sua obra.

Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. Universal/específico; objetivo/subjetivo; neutro/pessoal; racional/emocional; imparcial/parcial; elas/eles têm fatos/nós temos opiniões; elas/eles têm conhecimento/nós temos experiências. Essas não são simples categorizações semânticas; elas possuem uma dimensão de poder que mantém posições hierárquicas e preservam a supremacia branca. Não estamos lidando aqui com a ‘coexistência pacífica de palavras’ [...] mas sim com uma hierarquia violenta que determina quem pode falar. (Kilomba, 2020, p. 52)

Kilomba (2020) aponta que repensar práticas metodológicas também é um enfrentamento à supremacia branca que nos introduz violentamente as suas formas de construir pensamentos como a única possível e autorizada, corroborando com o que Audre Lorde (1979) já nos ensinou no início deste texto.

Entendendo que a academia não é um espaço neutro, mas de privilégios - serve como ferramenta institucional de garantia das desigualdades para manutenção de um domínio recluso às mãos da branquitude e seus bens – Grada Kilomba (2020) vai ao encontro desse pensamento e nos elucida que a academia, como uma instituição de ensino, de prática e desenvolvimento do conhecimento, é mais outro espaço branco de dominação.

“[...] conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. [...]. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes [...] têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas [...]” (Kilomba, 2019, p. 50-51).

É preciso então reconhecer a violência dos espaços acadêmicos e das estruturas de validação do conhecimento inerentes a ele. Essa deslegitimação das formas de conhecimento e do conhecimento produzido por grupos dominados “não brancos” é o que Sueli Carneiro⁵ chama de epistemicídio. Portanto, acadêmicas/os, ao afirmarem que partem seus estudos de um lugar universal, objetivo e neutro, não reconhecem que fazem justamente ao contrário: originam seus estudos de um lugar de poder e domínio.

[...] para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, [o epistemicídio é] um processo persistente de produção da indigência cultural [...]. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes, [que buscam conhecimento]. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento ‘legítimo’ ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p. 97)

Nesse sentido, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo de 2006 da FAU/Ufal (PPC, 2006), no qual nossa graduação foi pautada, diz que o curso tem como um de seus princípios o direito à pluralidade: “Este princípio garante as diferentes interpretações do saber arquitetônico e urbanístico, estimulando a criatividade e respeitando ‘as diferenças’. A pluralidade do discurso tem seu espaço, desde que a fundamentação coerente do saber e do fazer sejam explicitadas e utilizadas na argumentação.” (FAU, 2006, p. 13, grifo nosso).

⁵Aparecida Sueli Carneiro é uma escritora, filósofa e ativista do movimento negro brasileiro. Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, é considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil.

Por outro lado, convidamos à reflexão como, e se essa pluralidade foi abordada, de fato, durante o período de graduação em Arquitetura e Urbanismo - destacando a falta de representatividade negra e feminina na própria grade curricular do curso. Desse modo, a escrita deste trabalho se justifica como um compromisso social ao se propor construir uma crítica às práticas de ensino postas.

Relatos

... sobre o Setor de Estudos de Teoria e História

O curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL tem “[...] três eixos básicos [para o ensino] – Projeto de Arquitetura, Projeto de Urbanismo, Teoria e História – em torno dos quais gravitam e convergem todos os demais conteúdos inerentes à formação do profissional de arquitetura e urbanismo.” (FAU/UFAL, 2006, p. 19). No início do curso temos diversas disciplinas teóricas e de história que vão se desdobrando acerca de estudos sobre Arquitetura, Arte, Urbanismo e Cidades de diferentes períodos históricos.

Entende-se que o propósito da História não é fornecer modelos para a prática contemporânea, mas aclarar a compreensão do processo de formação das cidades e da produção da arquitetura, como fruto dos contextos sociais, econômicos e culturais dos agrupamentos humanos e, as articulações entre passado, presente e futuro. Entende-se, também, que a Teoria - por mais que persista resistências - é o instrumento basilar para o exercício sistemático da reflexão, da cogitação e da formulação do pensamento crítico aos fatos e processos da arquitetura e do urbanismo. [...] (FAU, 2006, p. 23).

Com isso, algo muito importante para compreender a formação das sociedades contemporâneas e como a arquitetura – aqui entendido como objeto construído – é um reflexo material de práticas e entendimentos sociais das sociedades e civilizações. Por outro lado, é importante destacar a homogeneidade desses estudos que, por sua vez, voltaram-se estritamente para o mundo ocidental europeu e norte-americano/estadunidense: civilizações gregas, romanas, movimentos artísticos europeus, a influência norte-americana/estadunidense no pré e pós guerra, a forma colonial de construir nossas cidades e outros. Isto é, assuntos de suma importância e valor histórico, especialmente para compreender parte da realidade brasileira, que, no entanto, em sua grande maioria divergem de valores e das nossas próprias perspectivas e vivências latino americanas.

Com isso, questionamos: diante das horas-aula dedicadas ao estudo das nomenclaturas de componentes estéticos dos diversos tipos de colunas gregas, das catedrais e igrejas europeias de diversos períodos – gótico, bizantino, medieval –, dos seminários pautados em autores brancos europeus ou norte-americanos/estadunidenses, bem como ao estudo da arquitetura produzida por arquitetos brancos do sul e sudeste do Brasil ou, porventura, por arquitetos europeus e/ou norte-americanos/estadunidenses; como se coloca o princípio da pluralidade nas nossas matrizes curriculares? Falta representatividade feminina, negra, indígena, nordestina, latino americana e tantas outras na formação de arquitetos e arquitetas que vão atuar neste e para este país tão diverso que é o Brasil.

Nesse sentido, estudos de algumas civilizações não são sequer visitados. Em um país como o Brasil, com uma forte ferida colonial e de uma hierarquia social estruturada na sua história, é preciso rever e repensar esses estudos que apontam para o norte como referência. “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra.” (Kilomba, 2019, S.p). Em diversos momentos nos questionamos sobre quem – do ponto de vista social e identitário – estava por trás das bibliografias das ementas das disciplinas. Por isso, realizamos uma pesquisa de todos os teóricos indicados no “Setor de Estudos de Teoria e História”: das 12 disciplinas temos ementas que delimitam 102 autores/as - já excluindo a bibliografia referente a instituições, (ver Gráficos 01 até 03). Nenhum dos autores foi identificado como uma pessoa negra, as mulheres são minoria massiva e autores de nacionalidade brasileira são geralmente do centro, sul ou sudeste do país, apesar do curso de Arquitetura e Urbanismo estar situado na região nordeste do país.

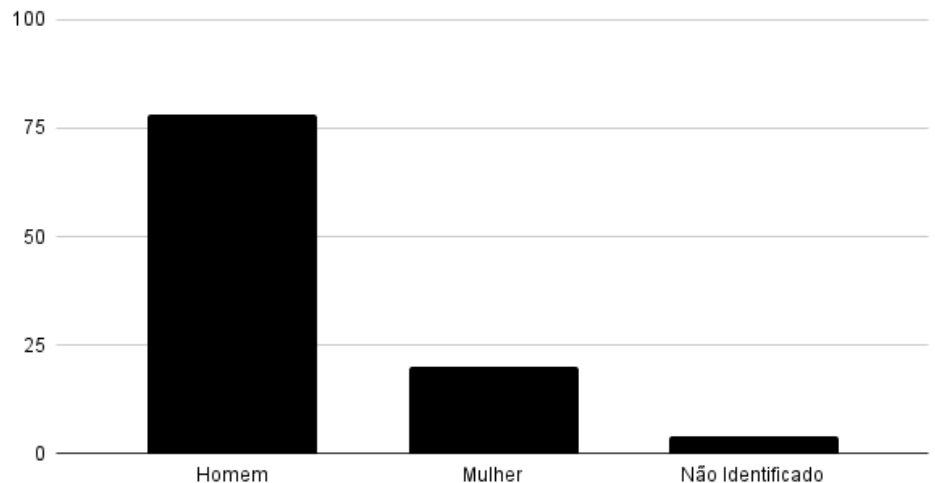


Gráfico 1 - Autores da ementa da disciplina do Setor de Estudos da Teoria e História por Gênero .
 Fonte: Autores, 2022. A partir de dados do PCC de Arquitetura e Urbanismo de 2006 da FAU/Ufal.

Gráfico 2 - Autores da ementa da disciplina do Setor de Estudos da Teoria e História por Raça. Fonte: Autores, 2022. A partir de dados do PCC de Arquitetura e Urbanismo de 2006 da FAU/Ufal.

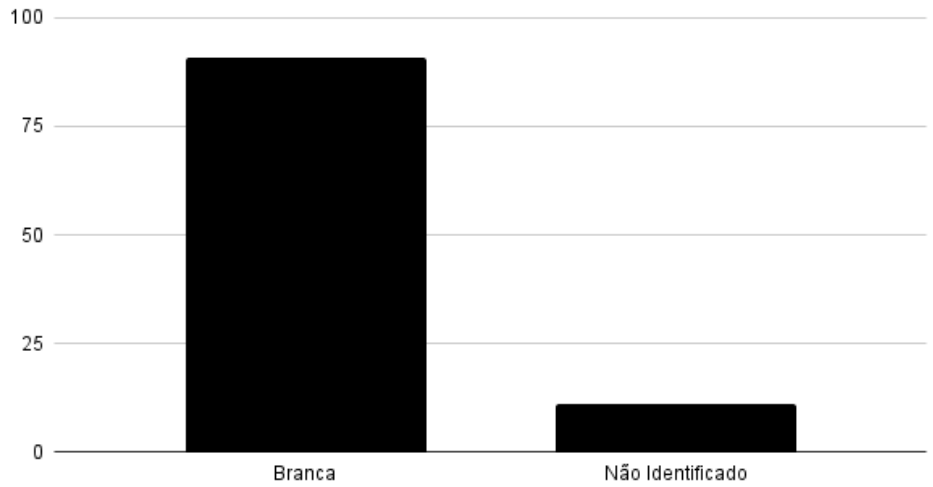
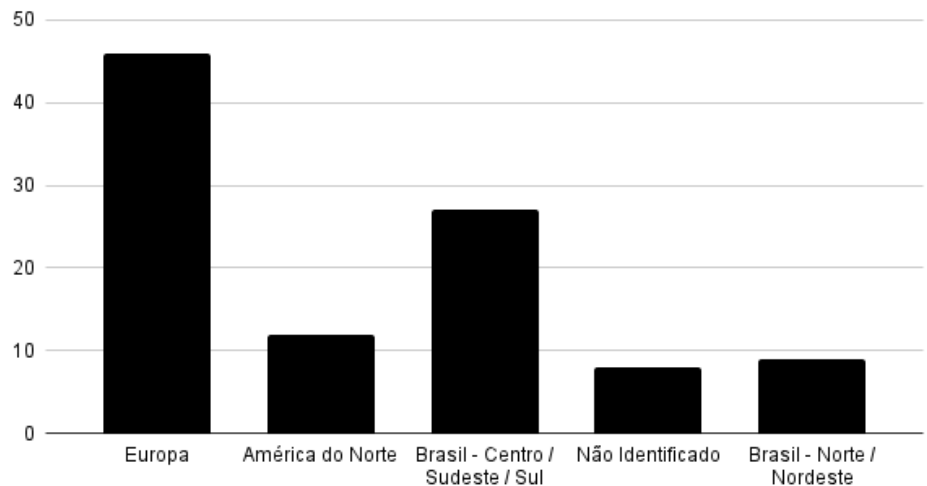


Gráfico 3 - Autores da ementa da disciplina do Setor de Estudos da Teoria e História por Nacionalidade. Fonte: Autores, 2022. A partir de dados do PCC de Arquitetura e Urbanismo de 2006 da FAU/Ufal.



Na formulação dada pelos currículos [de Arquitetura e Urbanismo] atuais, as possibilidades de produção de conhecimento dos distintos grupos socioculturais ficam inviabilizadas com base numa síntese racionalista do pensamento ocidental. Uma universalização planetária no pensamento acadêmico direciona o processo de construção do conhecimento das pesquisas universitárias. (Ramos, 2020, p. 155)⁶

É importante pontuar que a formação de profissionais está articulada indissociavelmente aos discursos e práticas que consomem durante o período da graduação e é aí que percebemos a potência e o papel da academia. Se apenas uma visão – hegemônica – é ofertada, se conteúdos, autores e autoras que rompem com esse padrão são sistematicamente e estruturalmente negados, a pluralidade não existe.

⁶ E Maria Estela Ramos é Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (PPGAU - FAUFBA), com experiência profissional na área de projetos de arquitetura e interiores, projetos comunitários com técnicas construtivas tradicionais, tecnologias sociais e assessoria técnica em autoconstrução. Além disso, é pesquisadora na temática de arquitetura afro-brasileira e territorialidades de comunidades negras em áreas rurais e urbanas, com ênfase na formação de bairros negros.

⁷“O termo ‘visão de mundo’ que se usa no Ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, expressa adequadamente a prerrogativa ocidental da dimensão visual. Mas, teríamos um resultado eurocêntrico se utilizássemos essa expressão para nos referirmos a culturas que provavelmente dão prioridade para outros sentidos [...] usaremos ‘sentido de mundo’ em referência à sociedade ioruba e outras culturas que podem privilegiar outros sentidos ou uma combinação deles” (OYÈWŪMÍ, 2017, p. 39). Oyèrónké Oyèwùmí é uma socióloga nigeriana com origens iorubá. Reconhecida e premiada na Associação Americana de Sociologia pelo livro “A invenção das mulheres” (1997), a autora tem notáveis pesquisas interdisciplinares, na qual associa estudos de gênero, sociologia e perspectivas africanas.

⁸Silvio de Almeida é advogado, filósofo, doutor e pós-doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Natural de São Paulo, preside o Instituto Luiz Gama e se consolidou como uma das novas vozes no panorama intelectual brasileiro, principalmente a partir do lançamento de seu livro “Racismo Estrutural” (2019).

⁹João Soares Pena é arquiteto e urbanista e doutor em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA (2015-2020). Também tem doutorado sanduíche no Amsterdam Institute for Social Science Research (AISSR) da Universiteit van Amsterdam (UvA). Suas pesquisas e interesses se voltam para estudos que trabalhem a relação entre espaço urbano, gênero, sexualidade e raça.

É importante pontuar que a formação de profissionais está articulada indissociavelmente aos discursos e práticas que consomem durante o período da graduação e é aí que percebemos a potência e o papel da academia. Se apenas uma visão – hegemônica – é ofertada, se conteúdos, autores e autoras que rompem com esse padrão são sistematicamente e estruturalmente negados, a pluralidade não existe.

Ao passo em que outros sentidos de mundo – conceito de Oyèrónké Oyèwùmí⁷ em oposição ao de visão de mundo (2017) – nem sequer aparecem nas referências, tais como ensinamentos sobre as populações indígenas, ou dos continentes africano e asiático, que quando aparecem, surgem ora com baixíssima relevância, ora maquiadas como parte do bloco de estudos sobre Europa e suas antigas civilizações, ou Egito, Mesopotâmia -, legitimando, portanto, a lógica do epistemicídio.

... sobre o Quarto de Empregada, Casas de Luxo e as disciplinas de Projeto de Arquitetura

A abordagem das disciplinas de Projeto de Arquitetura é um ponto a ser destacado. Existem nove disciplinas de Projeto de Arquitetura que ocorrem e se dividem do primeiro ao nono período do curso. Dessas, três disciplinas tiveram como enfoque construções públicas de impacto social: um terminal rodoviário, um centro cultural e um centro ecumênico. Por outro lado, seis disciplinas foram destinadas a projetar edifícios de luxo: restaurante, condomínios, edifício vertical, casas e pousadas. Acima de tudo, essas seis ocorreram durante o final da graduação, no qual as disciplinas de projeto de arquitetura tem um maior enfoque técnico e executivo. Ou seja, percebe-se que nossa formação foi direcionada para nos tornar profissionais que lidem com tais demandas.

Em meio a isso, a inserção do quarto de empregada no programa de necessidades dos projetos de alto padrão foi unanimidade entre os docentes ministrantes das disciplinas de projeto. Sabe-se que o racismo é algo estrutural em nosso país, como nos ensina Silvio de Almeida (2019)⁸, e ele se expressa em diferentes dimensões e maneiras na nossa sociedade. João Pena enfatiza que, da mesma forma, as cidades se estruturam nessa premissa racial e com a arquitetura residencial da elite não seria diferente: “que lugar é destinado às trabalhadoras domésticas na arquitetura das casas daqueles que as contratam? Como o racismo estrutura as relações entre patrões e empregadas?” (Pena, 2020, p. 113).

A disposição do quarto de empregada em relação aos demais espaços da casa tem a ver não com o programa de necessidades, mas com as relações de poder que ocorrem nesse espaço doméstico entre os patrões e as empregadas. Considerando que uma empregada durma no serviço, o que justifica seu quarto ser um cubículo e localizar-se ao lado da área de serviço, se não lhe mostrar o seu lugar nessa casa? Cabe ressaltar também que é frequente a existência de um 'elevador de serviço', de modo a evitar que os funcionários do prédio utilizem o chamado 'elevador de serviço'. Mais uma vez, cabe aqui questionar o porquê de tal segregação se não for para demonstrar que essas funcionárias não merecem utilizar os mesmos espaços de seus patrões. (Pena, 2020, p. 115)

João Pena (2020) ainda resalta que é nesse contexto que o ensino de Arquitetura e Urbanismo, principalmente através da figura dos docentes, deve questionar essa prática que perpetua lugares de subalternidade das pessoas negras nos projetos de arquitetura, materializando opressões e hierarquias raciais. Essa é uma forma de combate ao racismo e da ferida colonial, que deve ser tomada como dever nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, afinal, influencia diretamente nas práticas de produção das cidades, tanto em sua macro quanto em sua micro escala.

... sobre o Trabalho Final de Graduação: é preciso estar atento e forte

No início do processo de realização do Trabalho Final de Graduação - TFG, os estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL pertencentes a grade curricular do PPC de 2006 devem apresentar um Plano de Trabalho junto ao/a orientador/a e frente à banca de professores/as avaliadores/as da casa, demonstrando a intenção do que será desenvolvido no TFG. A defesa dos nossos Planos de Trabalho ocorreu online em dezembro de 2020 com temáticas que delineavam raça e gênero como questões centrais a serem abordadas: os trabalhos eram intitulados, provisoriamente, "Sobrevivendo no Inferno: perspectivas afrofuturistas para a cidade de Maceió-AL" e "Quando as ancestrais narram a expansão da cidade: o caso do bairro Benedito Bentes sobre uma visão racializada e genderizada".

Ambos os trabalhos seriam defendidos perante à banca sequencialmente. Ao final da apresentação do primeiro trabalho citado, mais especificamente durante as considerações da banca de avaliadoras, quatro pessoas com e-mails fora do domínio da universidade ingressaram na reunião do Google Meet de forma anônima - com nomes fictícios, tumultuando a apresentação, colocando vídeos pornográficos

no compartilhamento de tela, proferindo xingamentos e, assim, interrompendo o andamento do Plano de Trabalho; além delas, outras dezenas de pessoas tentaram entrar na sala.

Após, aproximadamente cinco minutos de tentativas de excluir os/as invasores/as, decidimos sair da sala e abrir uma nova reunião para dar continuidade às considerações da banca e seguir para a defesa do segundo Plano de Trabalho. Nos dias seguintes uma carta da Direção e do Conselho da FAU/UFAL foi divulgada, falando sobre o ocorrido, informando sobre a necessidade de se tomar ações de prevenção e que medidas para investigação, identificação e punição dos invasores/as foram tomadas. O interessante é saber que as bancas de Plano de Trabalho tinham divulgações de alcance interno à FAU/UFAL, tendo sido a data, horário e nome das apresentações publicizadas tradicionalmente nos e-mails e grupo de WhatsApp da faculdade, além de na página do Facebook do curso, devido ao caráter público delas. Após a publicação da carta, a universidade não mais entrou em contato conosco para falar sobre a identificação e punição dos/as invasores/as.

O que nos interessa é que, pelo baixo alcance de divulgação, temos indícios que o ataque veio de pessoas pertencentes à própria FAU/UFAL. Não basta a complexidade de lidar com a temática em um curso que não teve a formação na grade curricular destinada a temas de raça e gênero, ainda precisamos lidar com o epistemicídio e a negação. Somos colocados num lugar de insegurança e medo no que entendemos como fazer ciência e produzir conhecimento. Outra vez, parece que a estrutura da academia é construída a fim de não possibilitar e/ou dificultar que estudos a partir dos sentidos de mundo da negritude não aconteçam. Apesar disso, nesses episódios encontramos força na mobilização de outros/as estudantes, alguns docentes e amigos/as que compartilham desse fazer como uma literal luta de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o que gostaríamos de reforçar aqui é que, dentro da FAU/UFAL, reconhecemos que nosso ensino dentro dos espaços de sala de aula se limitavam a uma visão branca, masculina, europeia e/ou norte-americana/estadunidense, colonial e, portanto, de perpetuação dessa hegemonia da branquitude. Por outro lado, também ressalta-se que essa percepção e construção crítica de reconhecer onde se situa o conhecimento reverberado pelo curso de Arquitetura e Urbanismo já é um grande avanço para combater e subverter essas práticas hegemônicas.

Para além de concluir esse artigo apontando o que aqui foi tratado, queremos aqui finalizar a escrita apontando a busca de nossas ferramentas para construção de nosso conhecimento, como aponta Audre Lorde (1979), de exemplos que moldaram nossa formação: estudos como o Trabalho Final de Graduação da estudante Mayara de Paula¹⁰, “Análise interseccional da vida urbana: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió - AL” (2019), foi um dos primeiros trabalhos a tratar de temáticas raciais e de gênero (interseccional) em seu escopo no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL. Da mesma forma, os projetos de pesquisa de iniciação científica “Maceió pelas Mulheres: desigualdades de gênero, construção e ocupação feminina dos espaços públicos na capital alagoana no século XXI” (2019-2020) e sua continuação “Maceió pelas Mulheres: Representatividades femininas na produção e ocupação dos espaços públicos da capital alagoana no século XXI” (2020-2021), ambos feitos sob organização da Prof.^a Flávia Araújo. Assim como a “Roda de Conversa: Racismo Acadêmico” (2019), organizada pelo antigo Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL - Vale e pela ANU (Associação de Negros da UFAL), realizada logo após um episódio de racismo ocorrido na disciplina de “Formação do Pensamento Científico”, da qual nós, autores, estávamos matriculados e presenciamos o crime.

Percebe-se então que houve uma busca de conhecimento fora dos espaços formais da sala aula, que deu-se por meio da mobilização e demanda estudantil, principalmente, e de algumas docentes que compartilhavam desses mesmos ideais. Esses foram apenas alguns dos exemplos das articulações. Fomos formados e nos inserimos dentro dos movimentos negros, estudantis e sociais sem sequer perceber. A universidade apenas nos deu as ferramentas, como nos ensina a filósofa Sueli Carneiro, no podcast “Mano a Mano” (2022). E é a partir da busca de nossas próprias ferramentas que podemos dismantellar a casa do mestre.

¹⁰Mayara de Paula é arquiteta e urbanista paulista formada pela Universidade Federal de Alagoas, atual mestranda em urbanismo pela Universidade Federal da Bahia e também uma grande amiga nossa. Ela tem pesquisas com foco na análise urbana das mulheres negras na cidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- EVARISTO, Conceição. **Roda Viva**: Conceição Evaristo. São Paulo: TV Cultura, 2021. 1 vídeo (97min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Curso de Arquitetura e Urbanismo. **Projeto Político Pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo**. Maceió: FAU/Ufal, 2006.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- MULHERES negras: as ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. Portal Geledés, jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- OYĔWÙMÍ, Oyèrónké. **La invención de las mujeres**: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Tradução Alessandro Molengo Gonzalez. Bogotá: La Fronteira, 2017.
- PENA, João Soares. O quarto de empregada e a morte de Miguel. **Epistemologias do Sul**: Pensamento Social e Político em/para/desde América Latina Caribe, África e Ásia, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1. 2019. p. 110-117. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologias-dosul/article/view/2445>. Acesso em: 02 set. 2022.
- PODCAST MANO A MANO. Episódio: Mano Brown recebe Sueli Carneiro. Spotify Studios. 26 mai. 2022. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrljmo-g0RkUnCPr?si%3D5fb884d37b74488d&sa=D&source=docs&ust=1662987702473276&usq=AOvVaw2Sy_lopHFRUcY9ZLuX063I. Acesso em: 05 set. 2022.
- RAMOS, Maria Estela Rocha. As lacunas dos estudos afro-brasileiros no ensino de arquitetura e urbanismo. In: MOASSAB, Andréa; NAME, Leo (org.). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/por-um-ensino-insurgente-em-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em: 20 ago. 2022.